



SÍNTESE DE NOTÍCIAS Nº 0257/2025

EMBAIXADA DA REPÚBLICA DE ANGOLA NO REINO DA ARÁBIA SAUDITA
RIADE, 21/09/20

Reino da Arábia Saudita promete US\$ 368 milhões em novo apoio económico ao Iêmen



O Reino da Arábia Saudita anunciou um novo apoio económico ao Iêmen no valor de SR1,38 bilhão (US \$ 368 milhões) por meio do Programa Saudita para o Desenvolvimento e Reconstrução do Iêmen, após directrizes da liderança saudita.

O Reino da Arábia Saudita anunciou um novo apoio económico ao Iêmen no valor de SR1,38 bilhão (US \$ 368 milhões) por meio do Programa Saudita para o Desenvolvimento e Reconstrução do Iêmen, informou a Agência de Imprensa Saudita. O pacote inclui apoio orçamentário, financiamento para derivados de petróleo e custos operacionais para o Hospital Príncipe Mohammed bin Salman em Aden.

Riade disse que a ajuda reflecte seu compromisso de ajudar a estabilizar a economia do Iêmen e apoiar os esforços de reforma do governo iemenita. A ajuda vem sob a direcção do Rei Salman e com base nas recomendações do Príncipe herdeiro Mohammed bin Salman. **Fonte-Arab News.**

Príncipe herdeiro e o Presidente francês falam antes da cúpula de dois Estados



O Príncipe herdeiro Mohammed bin Salman conversou ontem sábado por telefone com o Presidente francês, Emmanuel Macron.

O Príncipe herdeiro Mohammed bin Salman conversou ontem sábado por telefone com o Presidente francês, Emmanuel Macron, informou a Agência de Imprensa Saudita. Os dois líderes revisaram os resultados da conferência internacional de alto nível sobre a resolução da questão palestina por meios pacíficos e a implementação da solução de dois Estados, co-presidida pelo Reino da Arábia Saudita e pela França. Eles também discutiram os preparativos para a retomada da conferência em nível de cúpula em 22 de setembro, como parte dos esforços para acabar com a guerra em Gaza e alcançar uma paz duradoura que leve ao estabelecimento de um Estado palestino. O apelo destacou a adoção da Declaração de Nova York, emitida pela conferência e endossada por uma esmagadora maioria na Assembleia Geral da ONU. Ambos os lados observaram o crescente número de países anunciando sua intenção de reconhecer um Estado palestino, refletindo um amplo consenso internacional sobre o avanço em direção a um futuro pacífico que garanta o direito legítimo do povo palestino à independência. **Fonte-Arab News.**

Ithra anuncia programação de eventos para o Dia Nacional do Reino da Arábia Saudita

O prédio da Província Oriental no Centro Rei Abdulaziz para a Cultura Mundial (Ithra) será o foco das atenções, pois marca o 95º Dia Nacional do Reino da Arábia Saudita com um programa que vai de 22 a 27 de setembro.

O centro cultural baseado em Dhahran será transformado em um destino animado para artes, cultura e entretenimento, oferecendo apresentações musicais, instalações interativas, oficinas, exibições de filmes e atividades para toda a família. Moradores e visitantes, são convidados a comemorar com atividades internas e externas. Usar verde e branco ou uma vestimenta nacional de sua região saudita é incentivado, mas não obrigatório.

O programa de seis dias de Ithra visa destacar a diversidade cultural do Reino da Arábia Saudita por meio do patrimônio, arte e música. O centro estará aberto das 16h às 23h nessas datas. Consulte Ithra.com para obter detalhes completos e programação. **Fonte-Arab News.**

Reino da Arábia Saudita co-sediará evento de IA na Assembleia Geral da ONU

A Autoridade de Dados e Inteligência Artificial do Reino da Arábia Saudita (SDAIA) co-sediará um evento de alto nível sobre inteligência artificial durante a 80ª sessão da Assembleia Geral da ONU em Nova York, ao lado do Quênia e das Nações Unidas.

A delegação saudita, liderada pelo Vice-presidente da SDAIA, Sami bin Abdullah Muqem, se juntará a autoridades e especialistas globais para discutir o papel da IA no desenvolvimento sustentável, segurança e inovação, informou a Agência de Imprensa Saudita. A SDAIA também participará em sessões sobre governança digital, inovação do sector privado e uso de IA para acção humanitária. A iniciativa reflecte o papel crescente do Reino na formulação da política global de IA e se alinha com as metas da Visão Saudita 2030 de aproveitar a tecnologia para o crescimento sustentável. **Fonte-Arab News.**

Ex-vice-presidente do Sudão do Sul detido está "pronto" para julgamento



O ex-vice-presidente detido do Sudão do Sul, Riek Machar, está "pronto" para ser julgado e comparecerá ao tribunal na segunda-feira, disse ontem sábado o seu advogado à AFP, à medida que crescem os temores de uma nova insegurança na nação mais jovem de África.

O ex-vice-presidente do Sudão do Sul, Riek Machar, está "pronto" para ser julgado e comparecerá ao tribunal na segunda-feira, disse ontem sábado o seu advogado à AFP, à medida que crescem os temores de uma nova insegurança na nação mais jovem de África.

O governo do presidente Salva Kiir acusou Machar este mês de assassinato, traição e crimes contra a humanidade e o destituiu de sua posição como primeiro vice-presidente no governo de unidade. Sua posição fazia parte de um acordo de 2018 entre os dois homens que encerrou uma guerra civil de cinco anos que matou cerca de 400.000, mas o frágil acordo vem se desfazendo há meses. "O acusado está pronto para o julgamento. Ele está pronto e com boa saúde", disse seu advogado, Kur Lual Kur, à AFP. Ele confirmou que Machar compareceria ao "tribunal especial" para a primeira sessão na segunda-feira após uma intimação, mas disse que ainda estava esperando por detalhes. A facção de Machar negou as acusações - que também incluem uma acusação de que ele ordenou que uma milícia étnica atacasse uma base militar este ano - e diz que elas

fazem parte dos esforços de Kiir para marginalizar a oposição e consolidar o poder. O Sudão do Sul, que conquistou a independência do Sudão em 2011, permaneceu atolado na pobreza e na insegurança, com repetidas tentativas internacionais de garantir uma transição democrática fracassando. As eleições que deveriam ter ocorrido em dezembro de 2024 foram novamente adiadas para 2026 e os dois lados não fundiram suas forças armadas. **Fonte-AFP.**

Macron assume risco com o reconhecimento do Estado palestino



O Presidente francês, Emmanuel Macron, marcou um grande golpe diplomático ao declarar sua intenção de reconhecer um Estado palestino, mas a medida corre o risco de ser seguida por uma amarga retaliação de Israel, sem fornecer benefícios concretos aos palestinos, dizem analistas e fontes.

O presidente francês, Emmanuel Macron, deu um grande golpe diplomático ao declarar sua intenção de reconhecer um Estado palestino, mas a medida corre o risco de ser seguida por uma amarga retaliação de Israel, sem fornecer benefícios concretos aos palestinos, disseram analistas e fontes.

Macron enviou uma onda de choque pela comunidade internacional com sua promessa durante o verão. Seu anúncio em um discurso em Nova York em uma conferência à margem da Assembleia Geral da ONU na passada segunda-feira, agora deve ser acompanhado pelo reconhecimento de nove outros Estados, incluindo Austrália, Bélgica, Canadá e Reino Unido, de acordo com o Eliseu. O reconhecimento marca a crescente frustração internacional com Israel por causa de seus bloqueios de ataque e ajuda à Faixa de Gaza, lançados pela primeira vez em resposta ao ataque de 7 de outubro de 2023 a Israel pelo grupo militante palestino Hamas. As implicações são históricas - a França e o Reino Unido serão os primeiros membros permanentes do Conselho de Segurança da ONU a reconhecer um Estado palestino e, junto com o Canadá, os primeiros membros do G7 a fazê-lo. "Este reconhecimento não é o fim de nossos esforços diplomáticos. Não é um reconhecimento simbólico. É parte de uma ação mais ampla e muito concreta", disse o porta-voz do Ministério das Relações Exteriores da França, Pascal Confavreux, apontando para o roteiro franco-saudita que deve acompanhar o reconhecimento.

- **'Muito barulho'** - Diplomatas de ambos os lados, pedindo para não serem identificados, esperam represálias de Israel após a medida, embora a retaliação não deva se estender a Israel cortando relações diplomáticas com a França.

O primeiro-ministro israelense, Benjamin Netanyahu, poderia fechar o Consulado da França em Jerusalém, que é intensamente usado por palestinos, ou anexar parte da Cisjordânia, onde Israel expandiu os assentamentos, desafiando a indignação internacional, disseram eles. "Vai haver muito barulho", disse um diplomata, pedindo para não ser identificado. "Os israelenses estão preparados para qualquer coisa, e a resposta francesa provavelmente será bastante limitada", disse Agnes Levallois, vice-presidente do Instituto de Pesquisa e Estudo do Mediterrâneo e Médio Oriente, com sede em Paris. "Em última análise, são os palestinos que mais têm a perder nesta crise", disse ela, acrescentando que a medida precisa ser seguida por sanções contra Israel para ter algum impacto. "A anexação da Cisjordânia é uma linha vermelha clara", alertou um funcionário presidencial francês, pedindo para não ser identificado. "É obviamente a pior violação possível das resoluções da ONU." **Fonte-Reuters.**

Hamas adverte que reféns enfrentam o destino de um piloto desaparecido se o ataque israelense continuar



O braço armado do Hamas publicou ontem sábado fotos de "despedida" da maioria dos reféns restantes em Gaza, alertando que o ataque de Israel à Cidade de Gaza poderia colocá-los em perigo.

O braço armado do Hamas publicou ontem sábado fotos de "despedida" da maioria dos reféns remanescentes em Gaza, alertando que o ataque de Israel à Cidade de Gaza pode colocá-los em perigo. Com as imagens, evocou o caso de um piloto israelense desaparecido desde 1986 após ser abatido sobre o Líbano. Das 251 pessoas capturadas por militantes palestinos durante seu ataque a Israel em outubro de 2023, 47 permanecem em Gaza, incluindo 25 que os militares israelenses dizem estar mortas. "Devido à obstinação do (primeiro-ministro Benjamin) Netanyahu e à submissão do (chefe militar Eyal) Zamir... uma fotografia de despedida tirada no início da operação em Gaza", escreveram as Brigadas ao lado das fotos.

Israel lançou um ataque terrestre à Cidade de Gaza na passada terça-feira, após semanas de ataques aéreos pesados que continuam no maior centro urbano do território. Centenas de milhares de moradores fugiram, enquanto famílias de reféns pediram ao governo que interrompa a ofensiva, alertando que ela coloca em risco a vida de seus entes queridos ainda em cativeiro em Gaza. As Brigadas Ezzedine Al-Qassam divulgaram 46 fotografias de reféns em seu canal Telegram, cada uma rotulada com o nome de Ron Arad, um navegador da Força Aérea israelense cujo avião caiu sobre o sul do Líbano em 1986 durante a guerra civil libanesa. Acredita-se que Arad tenha sido inicialmente mantido por grupos xiitas no Líbano e agora é dado como morto, com seus restos mortais nunca devolvidos. Ele tem sido uma causa célebre por décadas em Israel, onde trazer para casa soldados perdidos ou capturados é considerado um dever nacional. **Fonte-Reuters.**

Jordânia reabre parcialmente a passagem da Cisjordânia após ataque mortal



A passagem de Allenby é a única porta de entrada que os palestinos na Cisjordânia podem usar para viajar para o exterior sem passar por Israel.

A Jordânia disse que reabriu parcialmente a sua passagem de fronteira com a Cisjordânia ocupada por Israel neste domingo, três dias depois de fechá-la após um ataque que matou dois soldados israelenses. "A travessia foi reaberta hoje domingo apenas para viajantes, enquanto o movimento de caminhões de carga permanece suspenso até novo aviso", disse um comunicado oficial. A emissora estatal Al-Mamlaka relatou tráfego intenso em ambas as direções desde o início da manhã. A passagem de Allenby é a única porta de entrada que os palestinos na Cisjordânia podem usar para viajar para o exterior sem passar por Israel, que ocupa o território desde 1967.

Na passada quinta-feira, um motorista de caminhão jordaniano que transportava ajuda para Gaza abriu fogo na travessia, matando um soldado israelense e um oficial da reserva da administração civil antes de ser "neutralizado", segundo Israel. Após o ataque, os militares israelenses pediram à Jordânia que suspendesse a transferência de ajuda através do terminal. A Jordânia disse que iniciou uma investigação e identificou o agressor como Abdel Mutaleb Al-Qaissi, de 57 anos. Ele o descreveu como "um civil que trabalhava há três meses como motorista entregando ajuda a Gaza", que a ONU diz estar sofrendo de uma crise humanitária após quase dois anos de guerra devastadora. Amã condenou o ataque, chamando-o de "uma ameaça aos interesses do Reino e à sua capacidade de fornecer assistência humanitária à Faixa de Gaza". **Fonte-Reuters.**

Emir do Qatar vai a Nova York para participar na Assembleia Geral da ONU

O Emir do Qatar, Sheikh Tamim bin Hamad Al-Thani, partiu para Nova York onde irá participar na próxima reunião da Assembleia Geral das Nações Unidas, disse hoje domingo o presidente do Qatar, Amiri Diwan. Líderes mundiais estão se reunindo em Nova York enquanto a guerra entre Israel e militantes do Hamas na Faixa de Gaza se aproxima de dois anos. Uma crise humanitária está piorando no enclave palestino, onde um monitor global da fome alertou que a fome tomou conta e provavelmente se espalhará até o final do mês. **Fonte-Reuters.**

Erdogan diz que Palestina, EUA e Síria sobre agenda na viagem aos EUA



Erdogan disse que discutiria a cooperação no comércio e na indústria de defesa com o presidente dos EUA, Donald Trump.

O presidente turco, Tayyip Erdogan, disse hoje domingo que levantará a questão dos "massacres" de Israel em Gaza na Assembleia Geral da ONU e expressou esperança de que um reconhecimento mais amplo da Palestina acelere os esforços para uma solução de dois Estados. Falando a repórteres antes de partir para Nova York, Erdogan disse que discutiria a cooperação no comércio e na indústria de defesa com o presidente dos EUA, Donald Trump, e que também se encontraria com o presidente sírio, Ahmed Al-Sharaa, durante sua viagem. **Fonte-Reuters.**

O desmoronamento da ONU



HAFED AL-GHWEL
20 de Setembro de 2025



O desenrolar da ONU é, portanto, uma escolha, não uma inevitabilidade.

A ONU entra em seu 81º ano esperando ser vista como um farol da governança global - mas é mais como um paciente em terapia intensiva. O prognóstico, derivado de avaliações internas e autópsias financeiras, é terrível.

Uma redução de 30% no financiamento de todo o sistema, forçada pela retirada de seu maior doador, desencadeou uma cascata de falhas institucionais. A Secretaria está à beira da insolvência, com simulações indicando uma incapacidade de cumprir a folha de pagamento até o final deste ano. O que é descartado como meros déficits orçamentários é, na verdade, uma parada cardíaca sistêmica.

Em resposta, a iniciativa de reformas UN80, apresentada como um rejuvenescimento da instituição, nada mais é do que capitulação – declínio gerenciado disfarçado de transformação. A tão esperada revisão do mandato revelou um órgão sufocante sob o peso de sua própria história: mais de 40.000 resoluções que permanecem tecnicamente activas, 86% das quais carecem de cláusulas de caducidade ou mecanismos de rescisão, criando uma herança paralisante de 4.000 directivas activas. Não é mais um sistema que evolui com as necessidades globais, mas um museu em colapso de intenções ultrapassadas.

A disfunção fundamental da organização está enraizada em uma recusa patológica de enfrentar sua própria decadência estrutural, que é sintetizada pela Revisão de Implementação do Mandato, um exercício de 18 meses que visivelmente falhou em estabelecer qualquer conexão tangível entre a enxurrada de directrizes e os meios financeiros necessários para implementá-las. Essa omissão equivale a uma admissão institucional de rendição, confirmando um sistema que se contenta em operar em um estado de ficção deliberada.

A escala dessa ilusão pode ser facilmente quantificada pelos 15% dos novos mandatos que são adoptados sem qualquer financiamento dedicado e exigem explicitamente a execução "dentro dos recursos existentes". Tal frase tornou-se o mantra da cultura operacional da ONU, enquadrando perfeitamente um mundo de pensamento mágico onde a ambição supera consistentemente a capacidade.

Naturalmente, o inchaço resultante é operacional e existencial: 27.000 reuniões formais são convocadas anualmente e mais de 1.100 relatórios são produzidos, quase dois terços dos quais são baixados menos de 2.000 vezes. Essa produção não constitui governança; É uma arte performática autorreferencial, uma produção ritualizada de documentos que substitui o impacto e obscurece uma total ausência de responsabilidade.

No final, temos um sistema que só se acumula, colocando novas obrigações em cima de uma base frágil e subfinanciada, confundindo volume com valor e procedimento com progresso. Consequentemente, as operações de campo que, grosso modo, representam o valor mais tangível da organização estão sendo sistematicamente desmanteladas. As principais agências humanitárias, evisceradas pela retirada do financiamento dos EUA, estão enfrentando contrações existenciais.

O Programa Mundial de Alimentos, que dependia de Washington para metade de seu orçamento de US \$ 9 bilhões, e o Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados, que dependia dele para dois quintos de sua capacidade operacional, foram forçados a demitir milhares de funcionários. Os cortes drásticos exigiram a adopção de uma doutrina de "hiperpriorização", na qual a assistência que salva vidas é alocada não

com base na necessidade, mas no cálculo frio da conveniência orçamentária e da preferência dos doadores.

Infelizmente, as consequências humanas desse recuo estratégico só aumentam exponencialmente. Em Gaza, por exemplo, o bloqueio genocida de Israel e o ataque à infraestrutura da ONU prejudicaram a entrega de ajuda em meio à fome em uma campanha de extermínio em massa.

Em outros lugares, o mesmo colapso operacional é espelhado pelo estado de paralisia avançada do Conselho de Segurança, com qualquer potencial de acção coerente prejudicado pelos compromissos erráticos de seus membros mais poderosos. O resultado é uma queda em disputas processuais e incoerência estratégica, deixando pontos quentes, do Haiti a Mianmar, para apodrecer sem qualquer intervenção significativa ou mesmo atenção diplomática consistente. De um modo geral, deixa uma ONU esvaziada que não está cumprindo seus mandatos e, em vez disso, é forçada a apenas presidir sua relevância operacional cada vez menor.

Pior ainda, a iniciativa UN80, longe de deter o declínio da organização, tornou-se o principal instrumento de sua morte gerenciada, disfarçada de renovação. A directriz de reduzir o pessoal da Secretaria em um quinto, por exemplo, que é enquadrada como uma recalibração estratégica, é mais uma amputação financeira contundente, uma reação a uma redução sistêmica de 30% no financiamento e uma crise de liquidez tão grave que a organização corre o risco de insolvência.

Além disso, as muito elogiadas realocações para Nairóbi e Viena, com preços que chegam a cerca de US \$ 76.000 por funcionário, são correctamente diagnosticadas por insiders como apenas um desempenho caro de eficiência que ignora as falhas estruturais da ONU. Além disso, todo o processo é prejudicado por uma ausência fundamental de direcção estratégica, reduzida a um exercício transaccional de corte de custos que o próprio secretário-geral Antonio Guterres admitiu ser um substituto para as profundas reformas institucionais que ele não tem tempo e capital político para realizar.

Assim, o vácuo de liderança resultante é apenas um sintoma de um fracasso político mais profundo e terminal entre os Estados-membros. O processo de reforma, por exemplo, está paralisado por um cisma ideológico irreconciliável: os membros ocidentais, liderados por um governo dos EUA que acumulou US \$ 1,5 bilhão em atrasos, exigem um retorno a um núcleo de "paz e segurança" estreitamente definido, buscando efectivamente unilateralizar a agenda da ONU por meio de pressão financeira.

Naturalmente, isso encontra resistência justificada do Sul Global, que correctamente percebe essas "reformas" forçadas não como racionalização, mas como abandono de compromissos fundamentais com o desenvolvimento, a acção climática e os direitos humanos, os próprios pilares que concedem à organização sua legitimidade universal. O resultado é um impasse que impede qualquer consenso sobre o propósito da ONU no século 21, garantindo que nenhuma visão possa surgir.

Em nenhum lugar as falhas institucionais da ONU são mais evidentes do que na Líbia. A ausência de uma missão de construção da paz coerente e capacitada cedeu terreno a uma coalizão ilegítima liderada por um senhor da guerra cujas ambições pessoais são o maior obstáculo para a estabilização e democratização do país.

O desenrolar da ONU é, portanto, uma escolha, não uma inevitabilidade. É o produto de uma relutância colectiva em tomar decisões difíceis: pôr termo a mandatos obsoletos; financiar adequadamente as prioridades; e exigir responsabilidade pelos resultados. A organização está presa entre os estados membros que exigem mais com menos e uma burocracia que entrega menos com menos.

Hafed Al-Ghwell é membro sênior e director de programa do Stimson Center em Washington e membro sênior do Centro de Estudos Humanitários e de Conflitos.
X: @HafedAlGhwell

[illegible]

Preservar e valorizar as conquistas alcançadas, construindo um futuro melhor